

2. BH  
S E R M ã O  
NO FELIZ NASCIMENTO DO  
P R I N C I P E  
D A B E I R A

AO EXCELLENTISSIMO SENHOR  
PAULO DE CARVALHO  
DE MENDONÇA,

*Apont*  
*Do Conselho de S. Magestade, e da Rainha N. S. Vedor da Real Fazenda, Estado, e Presidente do Conselho da mesma Senhora, do Geral do Santo Officio, Provedor, e Administrador das Capellas dos Senhores Reis D. João IV, sua mulher Dona Beatriz, Rainha Dona Catharina, e Infante D. Luiz, e nas terras das referidas Capellas com jurisdição privativa, civil, e crime, Commissario Geral Apostolico da Bulla da Santa Cruzada, e D. Prior da Collegiada de N. S. da Oliveira de Guimarães, &c.*

Foi prégado no Real Mosteiro de S. Bernardo de Portalegre pelo M. R. P. M. Doutor

Fr. CAETANO DE SAMPAIO,

*Oppositor ás Cadeiras de Theologia na Universidade de Coimbra, Monge, e Visitador Geral da Congregação de S. Bernardo,*

He offerecido por

Fr. MANOEL DE MENDONÇA,

*D. Abbade do Real Mosteiro de N. S. do Desterro.*



L I S B O A,

Na Officina de MIGUEL MANESCAL DA COSTA,

Impressor do Santo Officio. Anno 1762.

*Com as licenças necessarias.*

EXC. NO. SENHOR  
D. A. B. E. J. A.  
AO EXCEL. ENSRMO SENHOR  
PAULO DE CARVALHO



La  
252.02  
\$1925

La  
18  
83

# EXC.<sup>MO</sup> SENHOR.

Faculdade de Filosofia  
Ciências e Letras  
Biblioteca Central



*U* tenho a honra de fazer  
imprimir, e dedicar a V.Ex-  
cellencia este Sermão, que ha poucos dias  
me mandárão. Delle a materia he sem dú-

vi-

da a V. Excellencia tão agradavel, como bem manifestarão as distinctas provas, com que V. Excellencia fez evidente ao público hum particularissimo gosto no feliz Nascimento do Principe da Beira. O merecimento desta Obra supponho não a fará indigna da protecção de V. Excellencia, em quem os bons Ecclesiasticos doutos encontram hum perfeito exemplo, e favor constante. As minhas obrigações me conduzem indispensavelmente a procurar a V. Excellencia nesta acção: já que em mim não ha que offerecer, eu levo á presença de V. Excellencia huma producção do M. R. P. M. D. Fr. Caetano de Sampaio, meu Mestre, fazendo ao menos a lembrança, e o desejo proprio, ainda que a offerta alheia. Esper que na aceitação de V. Excellencia tenha  
ella

ella a ventura, que pertende. Deos gu.  
de a V. Excellencia entre as mai res,  
contínuas felicidades. N. Senhora do Des-  
terro 23 de Fevereço de 1762.

De V. Excellencia

Servo fiel, e obedientissimo

Fr. Manoel de Mendonça.

Car-

*Carta, que com este Sermão mandou a quem  
o faz imprimir hum seu Collega.*

**S.<sup>R</sup> F.<sup>R</sup>. MANOEL  
DE MENDONÇA.**



**D**OU a V. a noticia, e sem envergonhar-me o digo, de que fiz hum grande furto: nelle não teve parte a culpa, sim o entender eu que a sua preciosa materia só roubada poderia contribuir a utilidade do público. Como os particulares devemos de justiça concorrer para o bem commum, nenhum escrúpulo me afflige de haver injuriado alguem com esta  
ac-

acção. Elle, bem longe de escurecer-me o credito, julgo que ferá para mim muito gloria, se chega a fazer-se notorio que eu fui o seu Author. Já V. está vendo qual fosse nesta empreza o meu animo: agora em declarar o fogeito roubado, e em dizer a qualidade do furto, creio que não só ficarei desculpado, senão tambem digno de algum louvor no conceito de V. em quem, por certa paridade de razões, contemplo que haverá sentimentos neste ponto muito semelhantes aos que passão no meu interior. O fogeito he o Doutor Fr. Caetano de Sampaio, Visitador Geral da nossa Congregação. Nós o conhecemos bem, por elle ter sido meu Mestre, e Mestre de V. A materia do furto he a Oração, que a V. envio com esta carta, e que o nosso Mestre recitou no dia quatro de Outubro do anno passado, em acção de graças pelo feliz nascimento do Serenissimo Principe da Beira, na Igreja das Religiosas de S. Bernardo de Portalegre, estando presente grande parte da Nobreza, Clero, e povo daquella Cidade. A este tão digno fim o havião chamado poucos dias antes a Dona Abbadessa, e Communiidade daquelle Regio Mosteiro, que seguindo os respeitaveis exemplos da sua Cabeça, o famoso Mosteiro de S. Saboça, pertendia distinguir-se com louvavel emulação nas grandes demonstrações de jubilo, que neste tempo erão continuas, como V. não ignora, entre os habitantes de todas as mais Casas

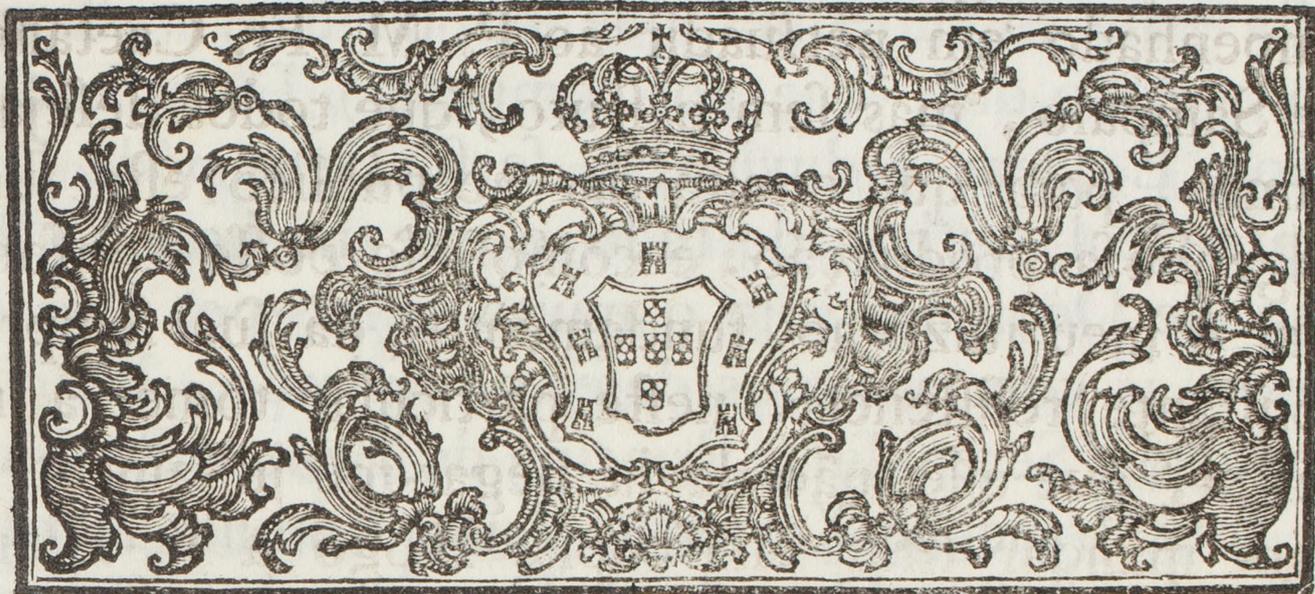
fas da nossa Congregação. Eu fei que muitas pe-  
iões de bom gosto, e de boa authoridade se tem  
empenhado em persuadir ao P. M. Fr. Caetano  
de Sampaio, mas sem o fruto, que todos deseja-  
vamos, para que queira dar ao público esta sua  
engenhosa producção; e como não posso confor-  
mar o meu juizo aos fundamentos da sua sempre  
constante resistencia, neste particular tomei a li-  
cença, que elle não devia negar-me justamente,  
para mandar tirar essa copia. Rogo a V. a leia  
com attenção; e depois de a haver lido, espero  
que V. terá a bondade, já que este deserto está  
tão longe das imprensas, de satisfazer plenamente  
aos meus votos nessa Corte. Nisto dará V. ao  
mundo huma idéa clara da grande veneração, que  
tem a seu Mestre, do amor, que he bem arda no  
seu peito, respectivo ao lustre da Congregação,  
de que he filho, e da fiel amizade, que eu protes-  
to dever a V. a quem sempre farei certa a minha  
obediencia. Deos guarde a V. muitos annos. Cei-  
ça, 18 de Janeiro de 1762.

De V.

Subdito, amigo, e servo obrigadiss.

\* \* \*

A Do-



*A' Domino factum est istud, & est mirabile in oculis nostris... Exultemus, & lætemur... O' Domine, bene prosperare.*

São palavras do Real Profeta no Psal. 117.



A mão de Deos, meus bons Portuguezes. (Muito alto, poderoso Senhor, occulto Monarca Supremo, a quem a Magestade vivivel dos Reis Portuguezes tributou sempre fiel adorações mui profundas, aceitai os votos, que agradecido, em lugar de rendidas vassallagens, quer que offereçamos em seu, e noíso nome diante desse throno José I. Fidelissimo Reitenente desta vossa Monarquia. Se os recebeis, isso nos

B

bas-

## 2 Sermão no Feliz Nascimento

basto para entendermos que he tambem vossa a gloria deste dia, que nos compete.) Da mão de Deos. E quem o duvidará, se só Deos póde fer o principal Author de tudo o que he bom? Da mão de Deos nos veio o muito feliz, por largos annos, já com anciosos desejos suspirado, Nascimento do Serenissimo Principe da Beira o Senhor D. José Francisco Xavier de Paula Antonio Agostinho Anastasio. Da mão de Deos recebem o Rei de Portugal, e Rainha nossos Senhores, os Principes, os vassallos, e o Reino escolhido do mesmo Deos esta sublime, e se póde fer, mais que eximia felicidade, que a todos toca: *A Domino factum est istud.* Os faustos asás plausiveis auspicios, de que mysteriosamente se vê acompanhar a sua estimabilissima, tão desejada posse, elles nos darão bem a conhecer pelos futuros, incomparaveis bens, que nos promette, quanto deva reputar-se grande entre as maiores a presente felicidade. Sendo o beneficio conferido pela poderosa, benevola mão de Deos, como deixará de ser não só admiravel nos nossos olhos: *Et est mirabile in oculis nostris*, senão tambem, por multiplicadas razões, o mais util para todos nós?

Levantem-se pois muito embora sobre si com jubilo á vista de tão crescida dita: levantem-se das passadas tristezas os nossos ainda mal convalecidos corações: expliquemos por tantas bocas, quantos he

## Do Principe da Beira.

2

he bem que sejam em final de agradecimento para Deos os louvores, em o exterior de repetidas, sonoras, ajustadas vozes nossa redundante alegria: *Exultemus, & letemur.* Oh bom Deos! E se acabareis de prosperar agora na continuacão de vossas antigas, e sempre novas misericordias para com esta Monarquia, que he toda vossa, o gosto, de que huma vez principiastes a encher-nos os coracões! o gosto, com que para obrigarmos mais, e movermos vossa infinita clemencia, vimos hoje a este Templo render-vos em a Casa de Bernardo vosso grande amigo, e dos Reis de Portugal tambem, as devidas graças pelo favor especial, que nos haveis feito! Enchei, Senhor, por Bernardo vos rogamos, enchei plenamente as nossas esperanças: confirmai o que ha obrado em nós hoje com admiracão de quantos o vem, vossa poderosissima, bemfeitora mão: prosperai, prosperai, prosperai: *O' Domine, bene prosperare.* E com quanta certeza, meus Portuguezes, o confiamos da bondade interminavel daquelle amorosissimo Senhor! Elle me ajude a mostrar, que temos para isso fundamentos solidos, e mais razão. Se no lugar, que occupa dignamente o gosto, podem caber nesta hora as attentões, estai, ou ide attentos discorrendo comigo. Eu fallo em nome do Rei Fidelissimo por boca do Profeta Rei.

*A Domino factum est istud, & est mirabile  
in oculis nostris... Exultemus, & læte-  
mur... O Domine, bene prosperare.*

**F**Allo, e quasi tudo o que exordindo tenho dito nessas quatro palavras, em que se cifra todo o discurso da presente Gratulatoria, e juntamente Deprecatoria, concisa Oração, he o que em si contém estas poucas palavras, que assumi por thema dos Psalmos de David. Eu não sei se as suas se dirigião só a fallar com Deos, e com os vassallos dos Reis de Israel naquelle tempo, ou se as proferio já o Santo Profeta, tendo por objecto, com os olhos nos successos futuros do nosso tempo, os vassallos dos Reis de Portugal tambem. Sabemos todos, isso sim, que se equivoca muito hum Reino com outro Reino: assim o Reino de Portugal, como o Reino de Israel ambos forão, e ambos são, cada hum em sua determinada differença de tempo, Reinos, entre todos os mais, escolhidos por Deos: nem nisto, quanto a mim, ha, ou deve haver questão. O que supposto como certo, e indubitavel, olhai agora para o Reino, vassallos, e Rei de Portugal, e vellos-heis em parte, se não em tudo, nas mesmas, ou semelhantes circumstancias, em que se achava  
com

com os seus vassallos, e com o seu Reino esse grande Rei de Israel, quando rompeo, e antes de romper, naquellas palavras, de que eu justamente usei, para fallar hoje deste lugar, á sua imitação, em nome do Rei Fidelissimo.

Naquelle tempo o estado de Israel havia sido bem como o do nosso Portugal neste, em que nos achavamos ha poucos dias o mais calamitoso, já pelas inquietações, que causaráo em todo o Reino os ambiciosos, malévolos perturbadores da paz; já pelas injustas, sacrilegas violencias, que conspirando contra a pessoa do proprio Rei, lhe maquinárão, sem attenderem ao sagrado do seu alto respeito, falsos, traidores, aleivosos, impios, crueis inimigos. Eu apenas descubro alguma differença entre estado, e estado. Se discorremos mais individualmente sobre as causas, que os fizerão assim deploraveis no Reino de Israel, consta-nos haver sido nelle a cega ambição de hum preverso, ingrato Saul a que originou todos estes monstruosos absurdos, que a cada passo se encontravão, com escandalo universal dos povos: e em Portugal bem se sabe que tiverão principio as suas desordens na soberba execranda de poucos, de poucos (e com que alentos acabarei de pronunciallo!) infieis Portuguezes. Só o demonio póde fazer sentir no coração do homem inspirações, que o induzão a maldades tão enormes. Em fim esqueceo-se Saul  
de

## 6 Sermão no Feliz Nascimento

de que as suas desobediencias havião obrigado ao mesmo Deos, que antes o escolhêra para Rei, a que o reprovasse depois por indigno de sustentar a coroa, que lhe dera; esqueceo-se dos innumeraveis beneficios, que devia a David, e até chegou a esquecer-se de si mesmo, das obrigações de illustre, com que nasceo, e de Israelita. Agora vereis que não he necessario variar muito com o pincel as cores da imagem, para que esta sirva de retrato proprio a esses infelices, que nem já merecem o nome de Portuguezes. Elles mostrarão bem quanto estavão empenhados a escurecer com os fumos horrendos das suas acções a fama do nome Portuguez, de hum nome, que custou tantos seculos de trabalhos a fazer-se celebre por esclarecido em todo o mundo.

Nesta lastimosa, fatal conturbação, em que se lamentava hum, e outro Reino, os verdadeiros Israelitas acompanhavão sempre magoados a David nos trabalhos, que o perseguião; e os bons Portuguezes distinguião-se dos poucos, que o não erão em assistirem fielmente ao seu Rei nos contratempos da fortuna adversa. Todos igualmente andavão consternados, afflictos todos, humas vezes com horror dos males, que vião, outras na consideração de que até estavão em perigo de perderem o bem, que ainda logravão só na esperança: em huma palavra, assim para os Israelitas,

como para os Portuguezes, o seu principal cuidado era a preciosa vida do seu natural, legitimo, e por Deos dado Monarca: o vello triunfar dos inimigos, que arrojada, temerariamente se lhe oppunhão. Verem com os seus olhos estabelecido com permanencia o Real Sceptro na Augustissima Casa de seu bem amado Rei, esse era o frequente emprego dos seus desejos, que a cada passo encontravão notaveis opposições de melancolicos pesfamentos. A incerteza, em que vivião de virem a lograr seguros com a feliz izenção de tantos males a posse destes appetecidos bens, era para elles o trocedor maior, que lhes apertava por amante entre tantas desconsoações a sua alma: era mais que dor, era tormento sem igual, era morte, era hum inferno: *Fortis est, ut mors dilectio, & dura sicut infernus emulatio*, disse Salamão, esse, que entre os Reis de Israel foi o Rei mais sabio; e tambem nós por experiencia propria com os daquelle afflicto povo podiamos dizer justamente o mesmo.

Mas voltemos, que já he tempo, voltemos ao theatro a scena. Dizei-me: Que vedes ao depois em Israel, e em Portugal que he o que observais agora? Que festivos clamores, que retumbantes écos, que contentamentos alvoroçados pelas praças, pelos campos, pelas ruas, em as casas, e no interior dos Templos? Em fim que nem em

Por-

## 8 Sermão no Feliz Nascimento

Portugal se divisão hoje senão evidentes sinaes de goſto, nem no Reino de Israel se deixão ver já mais do que ſemblantes alegres tudo. Todos agrade-  
cidos louvãõ a Deos pela felicidade presente, que alcançãõ: todos adorando, o deprecãõ pelas futuras, que eſperãõ conſeguir ainda, confiados na bondade do meſmo Deos: os Israelitas com David; e com ſeu Fideliffimo Rei o Senhor D. Joſé I. ſeus bons, leaes vaſſallos os Portuguezes. E quem enxugou a Portugal tantas lagrimas? Quem conſolou na ſua afflicçãõ os de Israel? Quem foi a cauſa de tão oppoſtas, repentinas mudanças? E que motivo houve para converter de huma para outra hora o pranto em alegria? para trocar em concordes, alternadas conſonancias n'hum instante a deſordem? A cauſa de tanto bem foi Deos: *A Domino factum eſt iſtud*. Elle, e só elle, para fal-  
larmos no eſtylo do grande Apoſtolo, e Doutor das gentes, he o Deos de toda a conſolaçãõ: elle o que em verdade coſtuma conſolar-nos nas noſſas maiores tribulações. E nós não o experimen-  
tamos?

Qual foſſe o motivo, já vemos que he da voſſa curiosidade ouvillo, e que ſerá tambem do meu empenho fazello manifeſto, para acabar de declarar-vos bem o aſſumpto, todo o ponto. Mas em Portugal! Quem duvída que o motivo dos ſeus jubilos he o applaudido, feliz Nascimento do Se-  
re-

renissimo Principe da Beira? Assim será como dizeis, nem eu o nego, digo que sim; mas não he só o que vós cuidais, maior força que as da natureza arrebatá os corações dos Portuguezes nesta hora. Essa tão notavel, insolita transformação, em que vemos ao nosso Reino, denota terem occulto mysterio os seus principios. Vede bem o que digo; e se a este respeito quereis conceber quanto eu penso, informai-vos primeiro com os Israelitas sobre as venturosas consequencias, que se seguirão aos extraordinarios alvoroços, em que os poz a felicidade do seu Monarca, o gosto de o verem, e a toda a Familia Real, alegre, e cheio de prazer. Elles vos dirão sem dúvida, que tudo assim como esperavão, (os que esperavão bem) lhes viera a succeder depois. Dirvos-hão, que o Rei nessa hora principiára a ser feliz, e que os vassallos começárão logo a ter boa ordem, e harmonia entre si. Em fim, que dahi entrára a paz no Reino, sem que já mais faltasse a successão na Real Casa de David.

E o que eu vos dissera, se, como os Profetas, tivesse para ver mais que olhos de lince, seria por ventura, que esses prosperos, futuros successos, que parece lhes vaticinava o coração na sua alegria aos Israelitas, he tambem, proporcionalmente fallando, o que nos diz o coração, que o presente feliz Nascimento, supposto ser tão excessi-

C

si-

## 10 Sermão no Feliz Nascimento

fivo o gosto, que á vista d'elle percebem os corações do Rei Fidelissimo, e Rainha nossos Senhores, dos Principes, e dos vassallos, prognostica ao nosso Portugal? Seria dizer-vos, que o objecto dos vivas, e communs applausos deste dia, quando a elle nos move, he, conforme parece acontecia no actual motivo daquelle seu grande prazer aos Israelitas, hum como instrumento de cutra superior mão? Seria dizer, que elle obra produzindo com huma quasi occulta, Divina força dentro em nossos corações a esperança mais firme, e certa de que até o fim do mundo, para luz de todo este, hão de ver esses Reaes, luminosos Astros, que nos illustrão, copiosamente propagados na sua esclarecida Descendencia, e em boa paz dos nossos tempos, os raios, com que hoje brilhão na propria esféra de todo o seu Reino? Seria, que a mesma sobrenatural esperança he a que reduplica, como especial dom da mão de Deos, sobre o motivo, para fazer avultar hoje tanto o nosso gosto?

Tudo isto talvez, e ainda muito mais, vos diria. Com eu não ser Profeta, confesso-vos, que estes são pelo menos os sentimentos da minha conjectura propriamente. Oh! e com quanta razão! Israel povo amado de Deos: Portugal Reino por Deos para si tambem escolhido. E as identicas circumstancias, que vemos em quanto aos effeitos da  
def-

desconsolação, e alegria na ponderada desgraça, e felicidade de hum, e outro Reino? Sei não faltará quem me responda, que em ordem aos Israelitas, bem se entende fosse a mão de Deos a que movia nos seus corações para o gosto, com certeza do que estava para succeder ao depois, a sua esperança. Para isso, me dirão, basta saber-se que Deos prometteo a David dar muita paz ao Reino de Israel; que na sua Real Descendencia havia de estabelecer o throno do mesmo Reino; e que este throno seria firme, e permanente na sua Casa: tudo o Senhor mandou annunciar a David pelo seu Profeta Nathan. Não quero molestar-vos em referir o contexto da profecia, que se póde ver por todo o capitulo setimo do livro segundo dos Reis.

E para avivar a certeza da nossa esperança, não valerá de alguma cousa o testemunho de hum Rei, cujas brilhantes virtudes farão eternamente respeitaveis as memorias da sua boa opinião entre os homens? Se não temos a nosso favor Profecias Canonicas, nem Textos da Escritura Santa, temos em nosso poder a Escritura, ou Juramento do Senhor D. Affonso Henriques, primeiro Rei deste Reino: conserva-se no Arquivo Real do Mosteiro de Alcobaça, e eu a tenho ahi lido repetidas vezes. As letras daquelle estimabilissimo pergaminho, (digão os incredulos, amigos de novidades,

## 12 Sermão no Feliz Nascimento

o que differem) ellas, depois das Sagradas Letras, são humas das que nos devem a maior fé. Depõe nelle com juramento o Senhor D. Affonso Henriques, que Christo Senhor nosso lhe promettêra estabelecer na sua Pessoa, e na de seus Descendentes o throno deste Reino, que o mesmo Christo havia escolhido para si como proprio. São estas as terminantes formaes palavras, que testificarem da boca de Christo a veracidade innegavel daquelle bom Rei: *Volo in te, & in semine tuo post te, Imperium mihi stabilire.*

Isto bastava, e crescia para entendermos que Deos em o Nascimento do Serenissimo Principe da Beira he o que nos confirma nas nossas esperanças, ao menos pelo que pertence á indefectivel successão com o Sceptro, e Coroa de Portugal, que deseamos perpetuada na Augustissima reinante Casa de Bragança. Eu não ignoro que na nossa Europa outras muitas bem esclarecidas Familias tem a honra de trazerem a sua origem do mesmo glorioso Progenitor. Tambem Deos prometteo a Judas, filho do Patriarca Jacob, naquella tão celebre, como sabida Profecia de seu pai, que o Sceptro de Rei não sahiria da sua Illustrissima Tribu; e mais entre as innumeraveis Casas, de que esta venturosa Tribu chegou a compôr-se, a que Deos escolheo para reinar em Judá, foi a de David. O mesmo digo eu da Augustissima Casa de  
Bra-

Bragança em Portugal a respeito das mais, que nas suas arvores de geração vem a entroncar com ella no Senhor D. Affonso Henriques. Não sei se serão tão notados, como notaveis os termos, de que usou Deos, quando fez aquellas promessas, de que já fallámos, ao Rei David: *Será fiel a tua Casa, e então o teu throno será firme com permanencia. Assim disse o Profeta Nathan, que Deos lho mandára intimar da sua parte a David: Hæc dicit Dominus exercituum: & fidelis erit domus tua, & thronus tuus erit firmus jugiter.*

Antigamente costumava Deos fallar-nos pelos seus Profetas; e hoje quem tem a primeira authoridade para nos fallar da parte de Deos, são os Oraculos do Vaticano. E não he bem notorio que os Pontifices Romanos derão o merecido titulo não só de Fieis, mas de Fidelissimos aos Reis de Portugal, estando a Coroa deste Reino na Augustissima Casa de Bragança? Logo por que não diremos nós, que a permanente, perpetua successão, e o Sceptro do Reino de Portugal prometido por Christo ao Senhor D. Affonso Henriques para elle, e sua Descendencia, está tambem por força desta promessa determinadamente vinculado, com exclusão de todas as mais Casas, que são florecentes ramos daquelle tronco, á Augustissima Casa de Bragança na Pessoa do primeiro Rei, que nasceo com o titulo de Fidelissimo em Por-

## 14 Sermão no Feliz Nascimento

tugal, o Senhor D. José, que Deos guarde, e na de seus Descendentes: *Et fidelis erit domus tua, & thronus tuus erit firmus jugiter?* Por que não diremos, que Deos lembrado desta sua promessa, quiz vivificar hoje as nossas esperanças, dando-nos em o Serenissimo Principe da Beira hum final certo da sua indeficiente palavra? Por que não diremos, que o Nascimento deste Principe sim nos move para o presente gosto os corações; mas que a mão de Deos he donde lhe vem todo o impulso para fazer com que o mesmo gosto, tendo por objecto não só esta, senão tambem as mais felicidades, que esperamos, passando as balizas de ordinario, logre a natureza de excessivo?

Mas para nos certificarmos ainda mais em a nossa prudente conjectura, examinemos qual fosse a occasião, e quaes os principios, donde quiz Deos que estivessem dependentes todas essas felicidades, em cuja esperança certa parece que o mesmo Deos movia para aquelle seu grande gosto os corações dos Israelitas. Examinemos bem este ponto; e depois de o examinarmos, se chegamos a descubrir com effeito a favor da nossa esperança semelhante occasião, e semelhantes principios, elles nos darão hum novo fundamento para inferirmos rectamente ser de algum modo semelhante o motivo do nosso gosto ao que tiverão para o seu os Israelitas, e o prognostico tambem de felici-

cidades mui parecidas ás suas. Demos desde aquelle alegre tempo, em que até agora vamos contemplando aos mesmos Israelitas, dous passos atrás com a consideração. Discorramos hum pouco sobre os successos ainda mais antigos deste povo, e de caminho ide vós lá, se vos agrada, reflectindo com vosco mesmo no que passa pelo nosso Portugal. Vede o que succedeo por direcção do grande Josué em hum dia para Israel tão glorioso, que nem antes, nem depois reconhecem os seus Annaes outro tamanho dia. Foi o caso. Achava-se Gabahon, Cidade feudataria a Deos: (a Deos, digo, que Deos era naquelle tempo unicamente por conta de quem estava assistir, como Rei ao seu povo; e os Capitães, que elle escolhia para fazerem executar as determinações da sua rectissima vontade, não erão entre os de Israel mais que huns puros Ministros de Deos) achava-se a Cidade de Gabahon accommettida em odio dos Israelitas por cinco poderosos Tyrannos, cujas tropas formavão hum grossissimo, formidavel corpo de exercito. O animo daquelles iniquos, mal intencionados homens, bem se deixa ver que feria, depois de expugnada a Cidade, e rendidos á violencia de suas armas os Gabahonitas, cortarem de hum universal golpe ao povo de Israel com as vidas o fio a todas as suas esperanças. E aconteceu isto assim, como o havião premeditado os inimigos de Josué,

de

## 16 Sermão no Feliz Nascimento

de Deos, e do seu povo? Não, antes o contrario he o que se viu. O povo de Deos foi o que ficou em paz, que em paz se póde dizer que fica quem vence: elle, mediante o poder de Deos, e o valor, e destreza dos seus Ministros, o que triunfou da opposição dos inimigos, vencendo-os, destruindo-os, acabando-os, até deixar-lhes suspensas em cinco affrontosos patibulos as miseraveis cabeças, a que coroavão na estimação da sua soberba outros tantos diademas: elle foi o que cresceu em numero, o que se augmentou cada dia mais em esperanças, em felicidades, em Reis. Que me dizeis a esta verdadeira historia, assim como o são todas as da Sagrada Escritura? Não he ella bem admiravel? E que me dizes tu, ó Portugal? Que he o que passa por ti tambem? Nós o sabemos todos.

Mas, ah Josué, Josué, quanto vos deveo de Deos abaixo esse povo, a quem as acertadas disposições do vosso memoravel governo fizerão acclamar entre os seus vizinhos pelo mais venturoso! Se Deos não désse áquelle povo para o governar em seu nome hum tão déstro, alentado Capitão, haveria paz no povo, Reino já mais, ou Reis de Israel em Judá ao depois? He certo que a não transcendermos com o pensamento a ordem da presente providencia, parece que com o povo se acabaria juntamente n'hum hora a paz, o Reino,  
e a

e a esperança de successão na Tribu de Judá, e Casa de David. Logo, (deixai-me tirar destas permittas duas consequencias agora) logo Josué foi a occasião de quantas felicidades vierão depois a lograr, como esperavão, os Israelitas. Eis-ahi a primeira consequencia: vamos á segunda. Logo o principio, a origem, e o feliz presagio de todas essas felicidades consistio nas gloriosas circumstancias, que fizerão grande aquelle bom dia, que Deos nos tempos de Josué deo ao seu povo. Nem vós podereis deixar de conceder huma, e outra illação, nem a mim por ora me he necessario saber mais. Dobremos aqui por hum breve espaço a folha.

E como he certo dependerem os interesses de qualquer Monarquia de que sejam creados por huma eleição do Ceo os Ministros do seu governo! Se Deos não houvera favorecido tantas vezes por meio de ministerios dados, e allumiados por elle mesmo a Portugal, que seria de nós? Não sei o que vos diga neste ponto. Sempre o Senhor dos exercitos nos nossos maiores apertos deo homens mui grandes a Portugal: assim como praticava frequentemente com o seu povo, assim usa com os Portuguezes. Lede a Historia Sagrada, e lede tambem as Historias de Portugal. Sempre Deos auxiliou com extraordinarias, milagrosas providencias a este seu Reino. Eu chamo a Portugal

D

Rei-

## 18 Sermão no Feliz Nascimento

Reino de Deos, Reino com especialidade seu: já sabeis a razão. Todos os Reinos são de Deos: Deos, e só Deos he o absoluto, independente Monarca dos Imperios; mas a respeito de Portugal, por modo singularissimo. Os nossos inclytos Monarcas, sendo Reis como os mais Reis, logrão huma prerogativa, que a nenhum outro Rei he concedida. Elles são no seu Reino huns como Vigarios de Christo na razão de Reis, (não se dá mais honorifica preeminencia!) e Jesus Christo he o nosso principal Soberano. Quem hoje visivel felizmente suas vezes faz na Coroa de Portugal, sabemos que he o nosso Augustissimo Senhor D. José I. mas Christo o que dirige para os actos em todo o caso as disposições do governo. Por isso os Ministros, de que Sua Magestade Fidelissima se serve, (deixai-me dizer livremente o que entendo) porque elles são escolhidos por Deos, porque Deos he com tanta especialidade o que os assiste, por isso podemos affirmar com justa causa, que elles são verdadeiramente os Josués dos nossos tempos. Ninguem o duvide. Eu quizera dever-vos, que conferissem com vagar os successos, que haveis alcançado em Portugal no tempo presente com os que fizeram tão esclarecidas no tempo da Lei escrita as memorias, que deixou de si á posteridade hum Josué. E que semelhantes os contemplamos! Não discorreis vós daquelles me-  
mos

mos successos, que fora Josué a occasião de todas as felicidades, que veio depois a experimentar na posse, conformes á sua esperanza, o povo de Deos: E que me dizeis ao Reino escolhido de Jesus Christo? Haverá nelle algum Josué, cujas heroicas, famigeradas acções possão contribuir hoje a confirmar-nos em a certeza de que Deos he principalte o que move com a nossa esperanza os extremos excessos do nosso gosto? Eu me quero lisongear na persuasão racionavel, de que assim o haveis entendido comigo. Passemos adiante.

As circumstancias, que fazem grande o dia, em que nasceo o Serenissimo Principe da Beira: (sem nos sentirmos, vamos já tocando com o discurso a segunda consequencia, que eu tirava da historia do famoso Josué: ella era, que as gloriosas circumstancias, que fizerão grande aquelle dia, que Deos nos tempos de Josué deo ao seu povo, forão o principio, a origem, e o presagio de todas as felicidades, que esperavão os Israelitas; e o que eu vos hia dizendo, he o que agora continuarei) as circumstancias, que fazem grande o dia, em que nasceo o Serenissimo Principe da Beira, tenho para mim não serem menos gloriosas para Portugal, do que forão para os de Israel as que derão nome áquelle seu grande dia. O mesmo Deos, que então fez mimoso com hum dia de tanta gloria ao seu povo amado, foi o que quiz

## 20 Sermão no Feliz Nascimento

consolar hoje a este seu escolhido Reino, dando-lhe outro dia igualmente a todas as luzes admiravel: *A Domino factum est istud, & est mirabile in oculis nostris.*

Se quereis acabar de admirar-vos, eu vos convido, para que ponhais os vossos olhos com toda a attenção em hum, e outro dia. Dizei-me agora: Que circumstancias vos parece serião as que fizerão grande esse tão decantado dia de Israel? E quaes as que concorrem para formar a grandeza de hum dia, que principiando a ser feliz com o Nascimento do Serenissimo Principe da Beira ha quarenta e sinco dias, ainda hoje dura, e durará sempre para o gosto em Portugal? No povo de Deos sabe-se que os Israelitas observárão desde os seus acampamentos huns fenomenos maravilhosos nessas esféras Celestes: e eu digo, que isto mesmo, e nada menos, he o que se vê hoje no Reino escolhido de Jesus Christo. Vistes com os de Israel estar suspenso por muito tempo no meio do Ceo a hum Sol? Talvez vos pareceria nelle descuido em cumprir as obrigações de Sol, o que na verdade era firmeza em o proposito de favorecer aquelles homens: *Stetit itaque Sol in medio Cæli.* Vistes mais hum Sol junto com huma Lua tambem no mesmo Ceo, sem se moverem, nem mudarem? Assim foi, como vistes: *Steteruntque Sol, & Luna.* Ahi tendes as gloriosas circumstancias,

cias, que entre os Israelitas concorrêrão para a producção de hum dia, cuja estremada grandeza para elles o fez valer por muitos dias. A conjunção benigna, e nova positura destes Astros, foi sem dúvida a que appellidou grande para o povo de Israel aquelle dia: e elles com seus beneficos influxos forão os que segurarão aos Israelitas a boa paz, que logo vierão a experimentar, quando triunfantes: e com a paz, e propria conservaçaõ, a da sua esperança foi cada dia em augmento com maior força: em fim, que aquelle foi o feliz prefagio de todas as prosperidades, que como esperavão vierão a lograr na posse por experiencia com o tempo os Israelitas.

E em Portugal que he o que vem os nossos olhos? Parece que não podem ver hoje cousa, que mais plena, cabalmente os satisfaça, do que o seu Serenissimo Principe recém-nascido: elle he o mesmo Sol, que illustra com o luzido resplendor de seus raios todo o nosso emisfério: elle o que fórma com o engraçado turbilhão de suas bellas luzes toda a grandeza do presente dia. E como serião luzidos os principios deste principio, os principios, que concorrendo para o feliz Nascimento deste resplandecente Sol, concorrem tambem de algum modo para a lustrosa formação de hum tão alegre dia! Não sei se o gosto, com que os contemplo, me dará lugar a dizer-vos quaes elles fossem:  
hum

## 22 Sermão no Feliz Nascimento

hum Sol, e mais outro Sol; hum Sol, e mais outro Sol junto com huma Lua todos mui firmes, e em boa harmonia no mesmo Ceo. Ainda não acabão de o descobrir bem os vossos olhos? Sahi, sahi com o pensamento deste lugar, e fazei-vos presentes comigo de hum voo nas Casas desses Augustos Planetas, que governão os nossos tempos em Portugal. Não vedes alli brilhar hum Sol mui seguro no Ceo, ou no Solio da sua Monarquia? Olhai para o Rei Fidelissimo o Senhor D. José I. quanto mais suspenso, mais firme, mais seguro, mais benevolo. E a Serenissima Princeza do Brazil sua Filha? Esta Princeza não he hum perfeito espelho, que o representa bem, ou em q em se multiplica por direito da geração o mesmo Sol de seu Augustissimo Pai, que ella exprime? A Lua huma vez que passou para a Casa do Sol, ahi attendes tambem nesse Ceo sem se lhe conhecerem defeitos, nem mudanças, transformada já no seu Sol pela conjunção, em que se acha: he o Senhor Infante D. Pedro no contrahido consorcio com a mesma Serenissima Princeza sua adorada Esposa: *Erunt duo in carne una.* E não he hum feliz producto deste Augustissimo, Catholico Consorcio o dia presente, ou o Nascimento do Serenissimo Principe da Beira, que o constitue tão agradavel aos nossos olhos? Que concorresse tambem não só voluntaria, mas natural, ainda que remotamente

pa-

para esta Regia producção o nosso Excelso, nunca mais ditoso Monarca, isso he innegavel para quem não ignora os principios da boa Filosofia.

Tendes visto bem? E que vos parece? Estaremos na Corte de Portugal, ou debaixo das vencedoras, triunfantes bandeiras de Josué nos gloriosos arraiaes dos Hebreos? A occasião, e as circumstancias, que fizerão grande, sem primeiro, nem segundo, para os de Israel aquelle dia, são as que se observão no dia de hoje em Portugal. A situação dos Astros influentes, não tem differença. As vistas de hum, e outro lugar, são as mesmas. E o nosso prognostico para o futuro qual será? O que eu vou suppondo, e mais provando desde o principio, e o que agora tornarei a dizer, e repetir-vos de novo com empenho maior, para que o leveis bem na memoria. O mesmo, (fallando com a devida proporção) que verificárão os posteriores successos dos Israelitas: o que elles principiárão a experimentar no tempo de Josué: o que virão seguir-se em os de David, e depois: prosperidades sem conto: entre ellas particularmente muita paz no Reino: permanente successão com o Sceptro, e Coroa de Portugal na Augustissima reinante Casa de Bragança até o fim do mundo. Isto he o que nos diz, movido da mão de Deos, com a esperança para o presente gosto, o nosso coração. Eu assim o conjecturo: da felicidade, em que  
Por-

## 24 Sermão no Feliz Nascimento

Portugal se vê na posse: do applauso, com que a sua noticia universalmente foi recebida pelos Portuguezes: da satisfação do Rei Fidelissimo, e Rainha nossos Senhores; dos Principes, e dos vassallos: do prazer, do jubilo de todos: da promessa de Christo ao Senhor D. Affonso Henriques: da occasião, e das circumstancias, ou principios influentes na grandeza do presente dia. E a Estrella de Bernardo!

Valha-me Deos! que assim me tenho descuidado do que parece me estava mais á mão! Já vos supponho bem instruidos de que huma luzida, resplandecente Estrella foi a especiosa fórma, em que meu Mellifluo Pai S. Bernardo assistio em certa occasião a seu muito prezado Primo o Senhor D. Affonso Henriques. Vio-se este prodigio em Portugal, quando Bernardo, que estava em França, havia apparecido ao mesmo tempo na nossa Provincia da Estremadura. Succedeo o caso depois que o Santo Padre amorosamente fallára com aquelle invictissimo Rei: depois que lhe apertára a mão, segurando-lhe felicidades, e se ausentára d'elle. E que diria quem contemplasse agora bem nos significantes accidentes deste raro, tão singular acontecimento? Quem olhasse hum pouco sem paixão para o distincto amor, que deveo a Bernardo o primeiro Rei deste Reino? Oh! e se soubesse avaliar dignamente o empenho, com que trabalhou  
o San-

o Santo para estabelecer nelle, e seus venturosos Descendentes com a paz de seus Dominios a Coroa de Portugal! Não diria que aquella mysteriosa Estrella já nesse tempo estava prognosticando esta felicidade, que hoje tem cheio de hum quasi immenso jubilo ao nosso Portugal? Acaaso deixaria de attribuir aos influxos da mesma Estrella não só a felicidade, que logramos de presente, mas ainda os inextimaveis bens, que com tanto fundamento, como tenho mostrado, esperamos conseguir para o futuro da mão do Senhor? Sempre influirão beneficamente as Estrellas: sempre forão feliz prognostico das maiores prosperidades.

O que eu posso dizer, he que em muitas se representou ao Patriarca Abrahão a numerosa Descendencia, que Deos lhe promettêra, e que huma Estrella fora imagem mais propria, em que o Profeta Balaão vio retratado mui anticipadamente o Nascimento de hum bellissimo, por todos os caminhos admiravel Principe: de hum Principe, que havia de vir depois ao mundo para gloria de Jacob seu Pai: de hum Principe dado por Deos para dominar o universo, para credito immortal de seu povo escolhido: de hum Principe, cujo vastissimo Imperio não acabaria com o tempo, nem a paz nos seus Estados: de hum Principe Consolador, verdadeiramente Pai dos vassallos: de hum Principe em fim completo, tão prospero na condução

E

do

## 26 Sermão no Feliz Nascimento

do seu governo, que até (talvez para dar-nos del-  
le alguma idéa) ordenou o Ceo, que fossem as  
mesmas Estrellas as que o manifestassem ao mun-  
do. Nós sabemos que he Christo este Principe in-  
comparavel, de que fallamos. Huma Estrella ou-  
vistes que o deo a conhecer muito antes do seu  
Nascimento, como futuro legitimo Descendente  
de Jacob: e huma Estrella foi tambem a que o pu-  
blicou nascido em Belém: em Belém, digo, e não  
em Jerusalem, que havia servido de patria ventu-  
rosa a muitos de seus altos progenitores: ainda que  
nascia Principe, não escolheo para berço a Corte  
de Jerusalem, nem dentro na Cidade de Belém  
quiz nascer: nos suburbios he que nasceo este gran-  
de Principe.

A mim não me passa pelo pensamento fazer  
parallelo agora de hum Principe, que he Deos,  
posto que homem juntamente, para outro Princi-  
pe, que não seja Divino, por mais que o confide-  
remos predestinado para servir de Vice-Deos en-  
tre os homens; lembra-me sim que deixo ponde-  
rado ser Portugal hum Reino não menos que o  
de Israel, escolhido por Deos, e que os Monarcas  
Portuguezes cingem na cabeça a Coroa de Reis  
em Portugal, substituindo-se no lugar de Jesus  
Christo. Advirto mais em que o Senhor D. Affon-  
so Henriques foi o Jacob, que Deos escolheo pa-  
ra dar o ser a este seu povo, para prover nelle,  
e sua

e sua Real Descendencia quem governasse em nome de Christo ao Reino de Portugal. E depois desta lembrança, depois desta particular reflexão, que juizo hei de formar de hum Principe dado por Deos a hum povo, que he de Deos tambem, a hum Reino, onde as figuras vivas de Christo são tantas, quantos se vem nelle Reis, que o dominão? De hum Principe Descendente Preclarissimo do Senhor D. Affonso Henriques? De hum Principe, que vimos nascer por altissimas disposições do Ceo nas vizinhanças de Belém? Quem sabe se a este fim quiz Deos que precedesse hum terremoto formidavel em Portugal? Hum terremoto, que arruinasse a soberba, famosa Cidade de Lisboa, para que o Serenissimo Principe da Beira não nascesse naquella Corte, bem que ella ditosamente houvesse sido a patria commua de seus Augustissimos Pais, e Avôs, para que o vissemos nascer junto a Belém?

Que idéa posso eu conceber, que exprima o caracter deste Principe ao justo? que nos dê alguma noticia dos bens, que promete a Portugal o seu feliz Nascimento? Ser-me-ha licito conjecturar, que elle sahio á luz para honra eterna da Nação Portugueza, e para desempenho do Inclyto Jacob Lusitano seu Pai? para dilatar o Imperio, que como proprio estabeleceo Christo em Affonso I. de Portugal? para o conservar na fortaleza de seu braço,

E ii

e no

## 28 Sermão no Feliz Nascimento

e no alentado brio de seus filhos, e netos, dominante até o fim dos seculos em todas as quatro partes do mundo? para que vivão entre si alegre, consolada, pacificamente os Portuguezes? para que venhão a ter nelle quem os reja, e os defenda com as soberanias de Principe, e achem amor de Pai ao mesmo tempo para os tratar, para os ouvir, e para os favorecer como filhos? Os sinaes, com que nasceo o Serenissimo Principe da Beira, a sua Estrella, tudo isto nos dão a entender. Já tendes visto os sinaes, rogo-vos que observeis bem a Estrella. Olhai para esse flammante Astro, que assiste fielmente ao Senhor D. Affonso Henriques. Que sentís a respeito da sua grandeza, da sua formosura? do seu presagiar em que fórma discorreis? Será na realidade a mesma Estrella de Jacob, que vio o Profeta Balaão? Prognosticará a Portugal venturas iguaes ás que logrou o povo de Israel a influxos dessa Estrella? Não he a Estrella de Jacob: com ella mui parecida, por ser de Affonso I. isso sim: era Bernardo em figura de Estrella. As felicidades, que nos prognostica não são individualmente as mesmas, que se representavão na Estrella de Jacob. Mas quem poderá negar-lhe as semelhanças? He o que Bernardo segurava a seu Primo. Elle segurava-lhe felicidades conducentes ao verificativo do que Christo por sua intercessão lhe prometteo no Campo de Ourique: e Christo pro-

prometteo ao Senhor D. Affonso Henriques o que diz o sentido da letra: *Volo in te, & in semine tuo post te, Imperium mihi stabilire.* Já discorremos sobre elle. Agora tornai a ver a mesma Estrella indicando determinadamente o Nascimento do Serenissimo Principe da Beira.

Quando nasce este Principe, não advertís que o Rei Fidelissimo, e toda a Familia Real contemplão nas perfeições de hum Anjo, bem semelhante áquelle, que formando de certa porção etherea huma Estrella, mostrava nascido em Belém de Judá aos Reis do Oriente o verdadeiro Rei de Israel? Observão religiosamente os cultos de Bernardo, a quem a Igreja dá o titulo de Estrella resplandecente na Casa de Deos, os nossos Augustissimos Monarcas: e então, logo no mesmo dia, he que virão nascer junto a Belém de Portugal ao nosso suspirado Principe, seu legitimo Successor. Disse no mesmo dia, e disse bem: estando pela natureza dos dias ordinarios nasceo o Serenissimo Principe da Beira no dia seguinte ao dia de S. Bernardo; mas os dias, que como este grande dia são obra especial da mão de Deos, sempre forão dias maiores que os mais: elles principião na vespera, e acabão no dia: *Factum est vespere, & mane dies unus.*

Em fim, que nasceo este felicissimo Principe em dia de S. Bernardo! E que boa Estrella teve

### 30 Sermão no Feliz Nascimento

no seu Nascimento, e ainda antes de nascer! Foi o patrocínio de Bernardo: já no tempo do Senhor D. Affonso Henriques, e dahi até os nossos tempos, creio que nos esteve prognosticando esta felicidade, que hoje logramos, e que ella será tal para nós, qual a representa a figura, que eu pretendia levantar na idéa ao caracter do Serenissimo Principe da Beira. Não me quero demorar em expôr os fortissimos argumentos, com que pudera fazer ainda mais palpavel a verosimilidade do prognostico, deduzidos todos da continuada experiencia, que tem a favor das efficacias, que deve á protecção de Bernardo este Reino. Vós sabeis que elles devião ministrar-me hum assumpto plausivel para fecundissimos discursos: sou filho, bem que indigno, de Bernardo; e por não parecer suspeito até em referir a mesma verdade sem encarecimentos, eu me resolvo a fiar da vossa erudita comprehensão quanto deixa em silencio o temor de alguma menos noticiosa critica: só não a devo justamente recear em dizer-vos, que conjecturo quanto dos felices auspicios, com que nasceo o Serenissimo Principe da Beira, discorri até agora, que o conjecturo da misericordia de Deos, que já principia com mão larga a favorecer-nos: nós nella he que temos firmes as nossas esperanças. A obra foi daquelle poderosissimo Senhor, que he juntamente Santo em todas as suas obras, e por isso digna das  
mais

mais submissas, reverentes, gratificativas admirações: *A Domino factum est istud, & est mirabile in oculis nostris.* Alegremo-nos pois, sem pôr termo ao gosto, na nossa bem fundada esperança: *Exultemus, & letemur.* Como a obra he da mão de Deos, elle a deve aperfeiçoar: elle lhe dará o seu ultimo complemento, que nós sincéra, efficazmente deseamos. Assim seja, ó Bom Deos, vos pedimos humildemente: *O' Domine, bene p. sperare.* Assim seja para consolação do Rei Fidelissimo, e Rainha nossos Senhores, dos Principes Augustos, dos vassallos leaes. Assim seja para gloria de Portugal, e principalmente vossa. Assim seja para honra perpetua, e louvor sem fim do vosso Santo Nome. Nós o louvaremos hoje de boa vontade na terra com os justos: nós o queremos louvar no Ceo em companhia dos Anjos, e Santos por todos os seculos dos seculos. Amen, Amen, Amen. *Te Deum laudamus.*

Faculdade de Filosofia  
Ciências e Letras  
Biblioteca Central

**F I M.**



# LICENÇAS.

Da Religião.

*Censura do M. R. P. M. Doutor Fr. Francisco de Azevedo, Oppositor às Cadeiras de Theologia da Universidade de Coimbra.*

REVERENDISSIMO SENHOR.

**L**endo, como V. Reverendissima me ordenou, este Sermão do M. R. P. M. Doutor Fr. Caetano de Sampaio, que agora se pretende imprimir, eu me capacitei bem ser elle hum magnifica producção completa neste genero. As claras doutrinas sólidas, as idéas magestosas, o estylo sublime, a bella fingeleza, e todas as brilhantes qualidades da Oratoria Sagrada, formão nesta hum respeitavel prodigio da eloquencia. Ninguem julgo lerá este Sermão, que, se tiver bom gosto, não procure ver, e ouvir outros muitos de hum Author tão digno. E se eu neste ponto, por parte do bem público, e da gloria da nossa Congregação, houvera de fallar a V. Reverendissima sem as limitações de hum Censor, lembrára os motivos justissimos, por que os Prelados deste bom subdito serião muito agradaveis a Deos, e aos homens, fazendo que elle frequentasse o pulpito, e  
que

que as mesmas suas producções apparecessem por meio da imprensa aos que não tiverão a fortuna de ouvillas recitar. Eu mostrára não ser justo que hum thesouro tão rico se occultasse na profunda cova da humildade, a pezar de quem sobre a terra tanto precisa delle utilizar-se. Eu dissera, que a luz do candieiro brilhante não deve ser collocada debaixo da modestia, que a cobre sempre, fim na parte sublime, onde possa illuminar todos os domesticos da Casa do Senhor. Eu fizera em fim conhecer, que na estimavel pessoa do P. M. . . . Caetano de Sampaio se observa inviolavelmente a Lei, que S. Gregorio lembra aos Prégadores de *illustrarem com a vida o que prégando ensinão*. Porém como não he proprio ao ministerio, que agora occupo, expender largamente estas razões, já devo concluir, dizendo a V. Reverendissima, que o Sermão he muito digno não só de licença, mas de hum formal preceito para imprimir-se. Alcobaca, 6 de Março de 1762.

Subdito de V. Reverendissima

*O Doutor Fr. Francisco de Azevedo.*

F

Cen-

*Censura do M. R. P. M. Doutor Fr. Antonio Caia-  
do, Secretario de Sua Reverendissima, e Opposi-  
tor ás Cadeiras de Theologia da Univer-  
sidade de Coimbra.*

## REVERENDISSIMO SENHOR.

**O** Bedecendo aos respeitaveis preceitos de V. Reverendissima, li attento o Sermão, que pelo feliz Nascimento do Serenissimo Principe da Beira recitou o M. R. P. M. Doutor Fr. Caetano de Sampaio, e que bem a pezar da sua religiosa modestia, pertende fazer público por meio da estampa seu benemerito discipulo o M. R. P. Fr. Manoel de Mendonça, D. Abbade do Real Mosteiro do Desterro. E pondo de parte, para desempenhar a obrigação de Censor, as razões de affecto, e amizade, que podião fazer suspeito o meu parecer, digo ingenuamente a V. Reverendissima, que este Sermão, sendo hum pequeno rasgo da eloquencia Sagrada, fórma hum corpo de luz, bem capaz de fazer visivel, e commendavel a todo o mundo a sublimidade da materia, e o incomparavel talento do Author. Elle o dá bem a conhecer não só no admiravel methodo, com que o soube dispôr, mas tambem na pureza de locução, na força dos argumentos, e na clareza das provas, conseguindo por modo admiravel, que apparecesse elegante, sem ser affectado, claro, sem ser rasteiro, e profundo, sem ser es-

escuro. E pelo que respeita á materia, ainda que são notorias, e patentes a Portugal, e a todo o mundo as felicidades, que com o Nascimento do Principe da Beira nascêrão á Monarquia Lusitana, o M. R. P. M. as soube ponderar com tanta energia, vaticinar com tanto acerto, e pintar com humas cores tão engraçadas, que parece as faz ainda mais plausiveis: pelo que o julgo muito digno de fahir á luz. Lisboa, 3 de Março de 1762.

Subdito de V. Reverendissima

*O Doutor Fr. Antonio Caiado.*

**V**istas as approvações dos Padres Mestres, damos licença para imprimir-se o mencionado Sermão. Lisboa, 9 de Março de 1762.

*O D. Abbade Geral Esmoler Mór.*

## Do Santo Officio.

*Censura do M. R. P. M. Fr. Francisco Xavier de Lemos, Qualificador do Santo Officio, &c.*

ILL.<sup>MOS</sup> E REV.<sup>MOS</sup> SENHORES.

**O** Sermão, que Vossas Illustrissimas me mandão ver, recitado no feliz Nascimento do Serenissimo Principe da Beira pelo M. R. P. M. Doutor Fr. Caetano de Sampaio, he huma bem certa conjectura das felicidades, que promete ao Luso Reino o Nascimento deste novo Principe. A doçura do Mellifluo Bernardo, de quem o Author deste papel he benemerito filho, se difundio com copiosa affluencia para a penna, que o escreveo; e como aquella suavidade teve a sua origem na fonte da graça, de que se alimentou o mesmo Santo e Santos, onde tambem bebeo o ditoso Bernardo, não póde nesta Oração encontrar-se doutrina, que não seja santa, nem cousa dissonante á Santa Fé: muito mais sendo esta obra dedicada a huma principal coluna della, qual he hum meritissimo Ministro desse Santo Tribunal. Quem haveria, que com temerario arrojo se atrevesse a offerecer a hum rectissimo Juiz das causas da Fé obra, que contivesse em si cousa contra esta virtude? Nada ha neste Sermão, que se lhe opponha, nem aos bons costumes, e assim o julgo digno de se dar ao prélo. Este o meu parecer, Vossas

fas Illustrissimas mandarão o que forem servidos.  
Lisboa, Convento de S. Domingos, 21 de Março de 1762.

*Fr. Francisco Xavier de Lemos.*

**V**ista a informação, póde-se imprimir o Sermão, que se apresenta, e depois voltará conferido para se dar licença que corra, sem a qual não correrá. Lisboa, 23 de Março de 1762.

*Trigozo. Li.*

---

### Do Ordinario.

*Censura do M. R. Doutor, e Beneficiado Antonio Delgado de Oliveira*

**EXC.<sup>MO</sup> E REV.<sup>MO</sup> SENHOR.**

**P**Or ordem de V. Excellencia vi a Oração Panegyrica, que no felicissimo Nascimento do Serenissimo Principe da Beira recitou o M. R. P. M. Doutor Fr. Caetano de Sampaio, e admirando nella a grande literatura, profunda eloquencia, vastissima erudição, e portentosa fecundidade do engenho de seu doutissimo Author, não acho cousa dissonante á nossa Santa Fé, ou bons costumes. Este o meu parecer, que em tudo  
su.

sujeito ás acertadissimas determinações de V. Excellencia. Lisboa, 29 de Março de 1762.

*O Doutor, e Beneficiado Antonio Delgado deOliveira.*

**V**ista a informação, póde-se imprimir o Sermão, de que se trata, e depois torne para se dar licença para correr. Lisboa, 29 de Março de 1762.

*D. J. Arc.*

---

**Do Paço.**

*Censura do M. R. P. M. Fr. Manoel de S. Boaventura, Religioso Carmelita Descalço.*

**S E N H O R.**

**C**orresponde este Sermão ao grande do assumpto. Não tiverão os vassallos de V. Magestade Fidelissima prazer tão universal: buscarão os meios de explicar o seu gostoso sentimento, e forão as acções de graças, que rendêrão a Deos, hum dos que elegêrão com acerto. He o Nascimento de hum Principe interesse público, assim como a sua falta castigo, que abrange a todo o Reino. E se em qualquer Reino Catholico são os Principes dados por Deos : *Per me Principes*  
*im-*

*imperant*, (1) em Portugal se verifica com mais especialidade, pelos motivos, que ninguem ignora. Ao desempenho deste assumpto tão elevado tem concorrido os mais famosos Oradores Euangelicos, e entre elles o M. R. P. M. Doutor Fr. Caetano de Sampaio, lustre da esclarecida Religião de S. Bernardo. Neste Panegyrico Gratulatorio mostrou que era adornado de toda a erudição: *Fuit quidem omni genere literarum præditus*, (2) abundantissimo de sentenças: *Creber est in sententiis*, (3) e cheio de fans, e verdadeiras doutrinas, nem que nada contenha contra o Real serviço de V. Magestade, que ordenará o que for servido. Lisboa, Convento de Corpus Christi de Carmelitas Descalços, 14 de Abril de 1762.

*Fr. Manoel de S. Boaventura.*

Faculdade

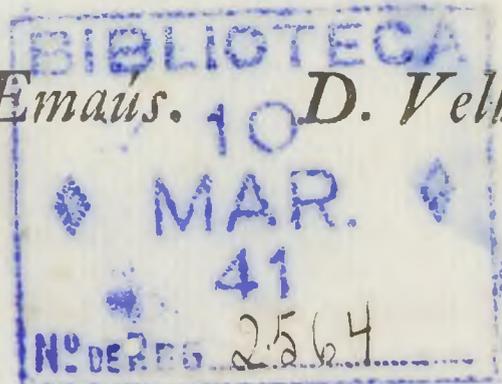
Cler

Biblio

**Q**ue se possa imprimir, vistas as licenças do Santo Officio, e Ordinario, e depois de impresso tornará á Meza conferido para se taxar, e dar licença para que corra. Lisboa, 24 de Abril de 1762.

*Carvalho.*

*Emaús. D. Velho.*



24  
516

(1) Prov. cap. 8. v. 16. (2) Lactant. lib. Instit. Divin. lib. 5. cap. 1.  
(3) D. Hieron. lib. de Instit. Monachi ad Paul,

Faint, illegible text, likely bleed-through from the reverse side of the page.

Faint, illegible text, likely bleed-through from the reverse side of the page.

Facultad  
de  
Bibliotecas

Faint, illegible text, likely bleed-through from the reverse side of the page.

BIBLIOTECA  
10  
MAR. 41  
W. 1000

Faint, illegible text, likely bleed-through from the reverse side of the page.